

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Toussaint, Michel, 1946-

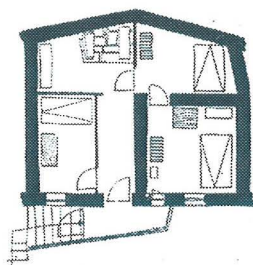
Conceitos de habitar em arquitectura

<http://hdl.handle.net/11067/4940>

Metadados

Data de Publicação	1999
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T19:17:59Z com informação proveniente do Repositório



CONCEITOS DE HABITAR EM ARQUITECTURA

MICHEL TOUSSAINT

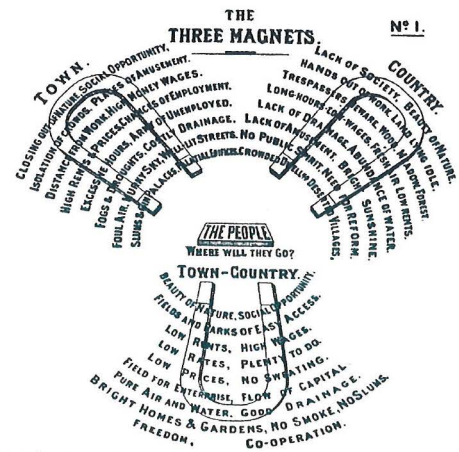
Para Heidegger habitar transcende a casa, estendendo-se a todos os espaços de que o ser humano se apropria - "construindo-os". Este admirado e controverso filósofo alemão conclui, depois de estabelecer uma lista exemplificativa de espaços construídos ou fabricados, que o homem "*os habita e, no entanto, não os habita, se habitar quer dizer somente que ocupamos um alojamento*". Mas ele obviamente recusa esta perspectiva mais restrita, até porque entende que o "*habitar é um traço fundamental do ser*" (1).

Deste modo, como relacionar a Arquitectura e o Habitar? - A partir do pensamento de Heidegger, pode-se inferir que a arquitectura, sendo a disciplina que rege conceptualmente os actos de construir os espaços para o viver do ser humano no seu sentido mais geral, inclui forçosamente o Habitar não apenas referido a um alojamento, mas sim em todo o seu universo.

No entanto há que perguntar se tal concepção sempre existiu. A tradição vitruviana sempre definiu a Arquitectura como a Arte de Construir, pondo em primeiro lugar o acto de erguer edificios como o seu principal esteio definidor.

Analisando alguns tratados desde Vitruvio (Alberti, Serlio, Palladio, etc.), verifica-se que propõem uma grande divisão entre público e privado e que a Arquitectura se relaciona preferencialmente com o primeiro vector, deixando o segundo à responsabilidade de cada um. Isto é, mesmo que Alberti tenha definido a Cidade como uma grande casa, estendendo a noção do habitar restrito ou privado à esfera do colectivo, será mais uma metáfora que uma inclusão igualadora. Aliás este italiano pouco ou nada introduziu no seu tratado que se relacione directamente com os edificios contendo alojamentos.

A perspectiva tipológica com que a maioria dos tratadistas encarava os exemplos de cidades, praças, edificios públicos e



-Hebzenner Howard: Teoria dos três magnetes THE THREE MAGNETS

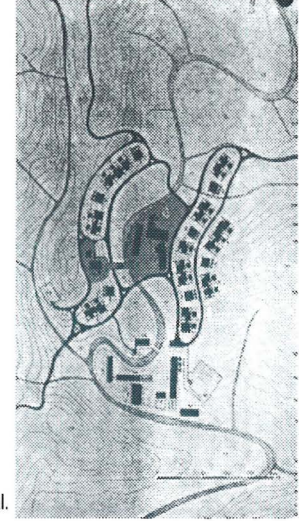
finalmente palácios, remetia para estes últimos o habitar no sentido restrito, mas, ao mesmo tempo, há que admitir o carácter público destas “habitações” cujos proprietários, pertencendo à nobreza ou alta burguesia, levavam uma vida exposta aos olhos de muitos, isto é, pouco ou nada havia de privado no seu quotidiano e tal reflectia-se na organização espacial dos seus palácios. Poder-se-á assim dizer que o extenso conceito de habitar, que encontramos em Heidegger, representa uma consciencialização mais recente, mesmo que o filósofo, como é habitual nos seus escritos, se vá alicerçar em reflexões filológicas. Isto é, parece ser nos tempos mais recentes que a extensão da palavra habitar se estabeleceu, provavelmente acompanhando a ideia da igualdade dos seres humanos (pelo menos no seio de um mesmo povo) da qual o conceito de Nação, firmado no século passado, é uma das expressões. A Nação é a coincidência entre um povo e um país (espaço geográfico delimitado por fronteiras políticas mais ou menos claras em termos físicos). Parece assim poder-se concluir haver relações entre perspectivas políticas e sociais e perspectivas arquitectónicas em torno de conceito do habitar que poderíamos ilustrar, por exemplo, com o Reino Unido ao longo do séc. XIX, no qual a evolução social para um aumento das classes médias, por um lado, e as preocupações altruistas relativamente aos mais desfavorecidos, bem como a crescente consciência dos defeitos da organização social e urbana, por outro, desenvolveu um forte interesse pelo alojamento, sobretudo pela habitação unifamiliar como morada preferencial. Hermann Muthesius escreveu em “Das English Haus” (1904-1905) que o inglês “*construindo para si próprio apenas, auto-suficiente e não sentindo grande urgência na socialização, procurando os seus interesses pessoais em isolamento virtual, indo rapidamente à cidade no único propósito de tratar dos seus negócios*” e depois “*voltar rapidamente para o coração da sua família*” habitava em isolamento rural na paisagem natural (2).

Muthesius descreveu assim um sentido do habitar praticado na Inglaterra dos finais do século passado, que envolvia a casa isolada como a resposta arquitectónica ideal, mas não esquecendo a sua posição relativamente ao centro urbano que, finalmente, fazia parte de um sistema territorial bem mais vasto. Haveria assim uma complementaridade que Hebzenner Howard na célebre

teoria dos Três Magnetes transformava na possível saída ao dilema cidade-campo, mesclando estas duas realidades na proposta a que veio a chamar de Cidade Jardim, na qual um arquipélago de pequenos núcleos urbanos, envolvidos por um campo produtivo, dava a resposta apropriada às destruidoras diferenças do sistema e constituir-se-ia numa resposta a um global (e quiçá novo) sentido do habitar e em que a casa era um elemento arquitectónico entre outros, que lhe daria resposta. As propostas mais utópicas de Owen ou Fourier caminharam na mesma direcção ao associar trabalho e alojamento, mas num sentido de comunidade relacionada com um território próprio, mais vincado que em Howard.

Mesmo a Barcelona de Cerdá ou a Grosstadt de Otto Wagner, que apostaram na grande cidade, não deixam de entender que o alojamento não é um elemento isolado em si, mas tem forçosamente um contexto social e urbano que amplia conceptualmente o habitar.

Um dos temas centrais da afirmação do Movimento Moderno foi a habitação. A história dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM) está ainda por fazer, mas as suas realizações foram um espelho da vida desse conjunto de gente, ideias e manifestações que marcou idelevelmente o século XX. Já no primeiro Congresso que produziu a Declaração de La Sarraz (1928), assinado pelos participantes que se consideravam "representantes dos grupos nacionais de architectos modernos", estes escreveram que a essência da urbanização seria de ordem funcional, rejeitando os condicionamentos de um "esteticismo pré-estabelecido" e que essa ordem teria três funções: habitar, produzir e descontrair (manutenção da espécie). E os objectos essenciais do urbanismo seriam: a divisão do solo, a organização da circulação e a legislação (3). Mais tarde, a famosa Carta de Atenas, redigida durante o IV CIAM (1933) redefiniria as funções de Urbanismo (habitar, trabalhar, recrear-se e circular), acentuando o carácter funcionalista do entendimento dos espaços da cidade (isto é: a cada função corresponderia um espaço próprio), e, claro, uma compreensão mais restrita do conceito de habitar, essencialmente associável ao alojamento e extensível a todos os espaços colectivos de relação imediata.

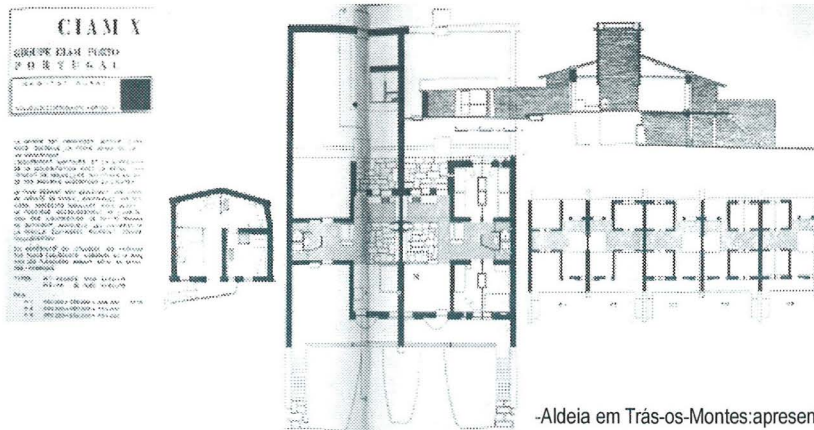


-Apresentação Portuguesa ao X CIAM: Planta da unidade principal.

Tal entendimento reforçou-se entre o primeiro e o quarto congressos pela realização dos II e III CIAM cujos temas foram dedicados ao alojamento: "O habitat de renda limitada" (Frankfurt 1929) proposto por Ernst May e "Métodos racionais para a construção de agrupamentos de habitações" (Bruxelas 1930) proposto por Victor Bourgeois (4). No de 1929, o grupo da Nova Objectividade dominou com a sua preocupação sobre a "Habitação mínima" (Le Corbusier jocosamente criou a "Habitação Máxima").

Do congresso de 1930, as comunicações hoje mais citadas são a de Gropius e a de Le Corbusier. Este apresenta a sua Cidade Radiosa integrando a habitação no todo urbano e mostrando a sua primazia na cidade, enquanto Gropius preocupou-se em demonstrar, segundo um processo de modelo científico, as vantagens geométricas dos edifícios de habitação em altura (10 pisos) em combinação com a "nova família" nuclear que necessitaria de um conjunto de equipamentos complementares ao alojamento. Os grandes edifícios acolheriam um número suficiente de habitantes que justificariam a inclusão, no próprio edifício, de alguns desses equipamentos.

Em Portugal, foi com a publicação da Carta de Atenas (Técnica-1944-em versão resumida, Arquitectura- a partir de 1948-na versão completa publicada por Le Corbusier) que se começou a divulgar a existência dos CIAM. Acompanhando a publicação na revista Arquitectura, esta imprimiu, pela primeira vez, uma notícia sobre um dos congressos, mais precisamente sobre o VII em Bergamo no seu nº 31 (Junho e Julho de 1948). Estava-se no ano do 1º Congresso Nacional de Arquitectura (Maio/Junho 1948), que constituiu uma forte afirmação da jovem geração que, finalmente, introduzia o Movimento Moderno no País. A notícia é um "Condensado dum artigo de Gille-Delaфон publicada no jornal Arts" que dá conta dos temas abordados no congresso destacando o lançamento da Grelha CIAM. No entanto, é no nº38-39 da mesma revista (Maio 1951) que se publicam as actas do VII CIAM onde afinal se revela que foram três os temas de debate: Os Casos da aplicação da Carta de Atenas, Síntese das Artes Plásticas e O ensino da arquitectura e do urbanismo.



-Aldeia em Trás-os-Montes:apresentação Portuguesa ao X CIAM

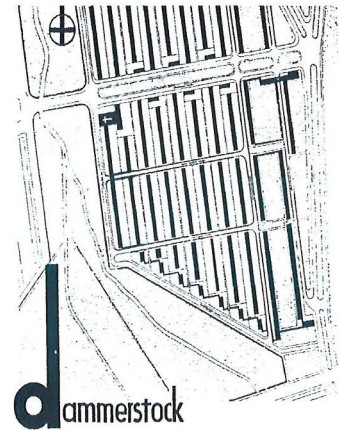
Citando Le Corbusier, as actas revelam o que é a Grelha CIAM : "*uma rede vertical - horizontal que dá, nos seus cruzamentos, pontos de discussão*".

Alguns anos mais tarde, a revista *Arquitectura* publicou no número 64 (Janeiro, Fevereiro 1959) o trabalho da representação portuguesa ao X CIAM (Dubrovnik 1956) e no número 66 (Novembro, Dezembro 1959), a comunicação apresentada por Octávio Lixa Filgueiras ao XXIV Congresso Luso - Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Madrid (Novembro 1958). Filgueiras dá conta das dúvidas e discussão em torno da Grelha CIAM já suscitadas aquando do IX CIAM em Aix-en-Provence (1953) organizado pela ASCORAL (grupo pluridisciplinar fundado por Le Corbusier) . Segundo Kenneth Frampton (5) o IX CIAM assistiu à aparição de uma nova geração liderada por Alison, Peter Smithson e Aldo Van Eyck que desafiaram as 4 funções da Carta de Atenas preferindo categorias mais fenomenológicas como "casa", "rua", "distrito" e "cidade", e afirmando, na sua crítica ao relatório do VII CIAM, a importância do sentimento de pertença -identidade que enriqueceria o sentido de vizinhança.

Há assim outra vez uma vontade em abandonar a perspectiva mais analítica que dominou o Movimento Moderno entre as duas guerras e que se prolongou, por exemplo na Grelha CIAM que a representação portuguesa no X CIAM quase ignorou, preferindo uma aproximação mais imagética às questões analíticas que sustentavam a justificação da sua proposta para uma aldeia no longínquo (nessa época de ainda grandes dificuldades de transportes) Trás-os-Montes. Os portugueses queriam assim contribuir para uma Carta do Habitat, que substituiria a Carta de Atenas, neste caso através da aproximação à situação rural.

Esta substituição não estará longe das críticas dos que se vieram a chamar Team X (os Smithson, Van Eyck, etc.) e o facto de se usar a palavra Habitat é claramente o voltar a um conceito mais alargado de Habitar, não funcionalista e que foi importante vector para repensar a cidade nos finais do século XIX, precisamente a partir da casa, prolongando-se nas experiências do edifício comunitário que, nos socialistas utópicos se concretizou no edifício para os empregados do ministério das Finanças em Moscovo de Moïsseï Guinzbourg (1928-29) ou, muito mais tarde na Unité d' Habitation de Le Corbusier em Marselha (1947-52),

-Walter Gropius: Siedlung Dammerstock



ou nos muitos “siedlung” alemães entre as duas guerras.

À laia de conclusão pode-se afirmar que, como Heidegger escreveu, o “*habitar é um traço fundamental do ser*” e tal veio a reflectir-se nos conceitos de Habitar em arquitectura, apesar da perspectiva reducionista a que o entendimento funcionalista quis remeter o habitar, quando o classificou como apenas uma das funções de Urbanismo.

NOTAS:

1)-Heidegger, Martin

“Batir, Habitar, Pensar”

in: Essais et Conférences, Paris: Éditions Gallimard, 1958

2)-Richardson, Margaret

“Architects of the Arts and Crafts Movement”

RIBA Drawing series, London:Trifoic books, 1983

3)- “La Déclaration de la Sarraz”

in: Conrads, Ulrich, Programmes et Manifestes de l’Architecture du XX éme Siécle, Paris:Les éditions de la Vilette, 1991.

4)-Ragon, Michel

“Histoire de l’Architecture et de l’Urbanisme Modernes”, “Naissance de la Cité Moderne 1900 - 1940”

Paris: Casterman, 1986

5)- Frampton, Kenneth

“Modern Architecture, a Critical History”, London:Thames and Hudson, 1997